

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII

N.º 625

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ARCINDO

A HISTÓRIA DO GALO PIMPÃO

POR VIRGINIA LOPES de MENDONÇA
Desenhos de A. CASTANÊ



AS capoeiras das redondezas não havia outro igual!

De crista à banda, rabo atrevido, bico rijo, esporão afiado, arrastando a asa a tódas as galinhas jeitosas que lhe passavam ao pé, era o tipo perfeito dum atrevido brigão de feira.

Galo que se lhe metesse a frente, fitava-o logo com o seu redondo olho amarelo e provocante, de penas eriçadas, avançando ao

encontro do rival. Cheio de valentia e ferocidade, nunca deixava que os outros levassem a melhor, nos combates sangrentos que o tornaram afamado.

Mas, num dia aziago, a sorte deixou de proteger o Galo Pimpão.

Ou se levantara mal disposto com a má qualidade do milho que a caseira lhe servira, ou confiara demasiado nas suas forças, que nunca o haviam traído, o caso é que teve de dar parte de fraco, na luta encarniçada com o galo preto da capoeira vizinha.

Furioso, enraivecido, por ver o inimigo sair vencedor, ainda por cima ficou sem um esporão!

— Mas não valia desanimar! — pensou consigo.

Antes de mais nada, precisava arranjar um esporão novo. Já, assim, tiraria uma desforra valente, que o tornasse, outra vez, afamado e temido.

Ao vê-lo tão pensativo, a Comadre Sardanisca arriscou um conselho:

— «Senhor Dom Galo Pimpão, p'ra voltar a ser brigão e resolver a questão, ouça-me, com atenção! Eu sei dum bom *surgião*, muito hábil e espertalhão, que lhe porá um esporão melhor, talvez, e mais são, que o que teve até então!



tóda esta intriga fôra tramada com vários bichos, que conspiravam contra o Galo Pimpão. Este é que, vaidoso, orgulhoso, emproado, nada viu senão a esperança de alcançar um outro esporão e ainda melhor que o primeiro.

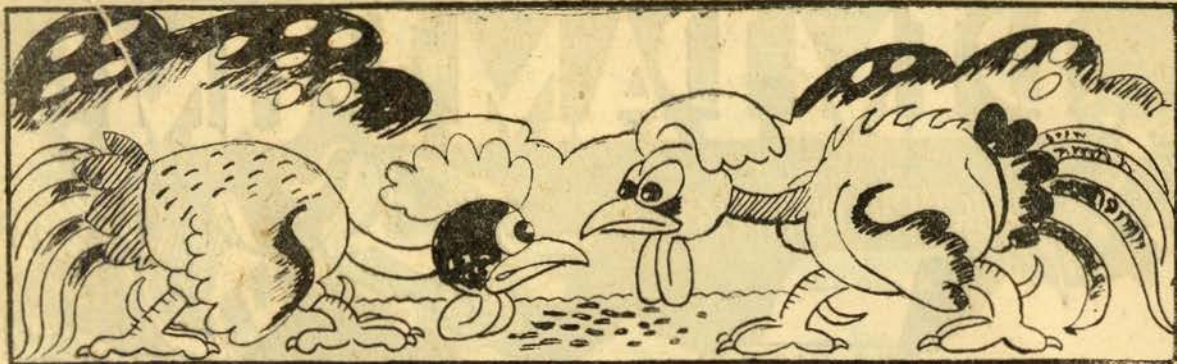
Alvorçado, continuou a ouvir a cantilena da comadrinha:

— «Senhor Dom Galo Pimpão, é preciso um fortunão p'ra pagar ao *surgião*, que é um grande comilão. De bom trigo, uma porção, é tóda a sua ambição.» —

— «Por isso não seja a dúvida! — redarguiu o Galo, muito senhor de si: — Eu sou rico! Tenho um saco de trigo, que vale um dinheirão! Guardava-o para a velhice... digo-te, aqui, em confidência. Mais tarde, quem sabe se a caseira se lembrará de mim!» — rematou, num có-có-ró-có, tristonho.

Mas não perdeu mais tempo em reflexões inúteis. Com o bico, foi desenterrar o saco de trigo, que os outros — os tais intriguistas — não sabiam onde estava escondido.

Ora, a Comadre Sardanisca não era lá muito boa rez... E



la andando, de sacó a tiracolo, e ia cantando:

— «Có-có-ró-có,
que infelicidade,
pois perdi um esporão!
Có-có-ró-có,
vou p'rá cidade,
consultar o *surgião*
e levo comigo
bom bago de trigo.» —

Ora, quem havia éle de encontrar no caminho?

O Pato Gago, que era um pobre pedinte e um... que entrara na conspiração com a Sardanisca.

— «Gá... gá... gá...
cuá... cuá... cuá...
Dá... dá... dá...»

grasnou éle, como os mais gagos.



— «Có-có-ró-có!
O pato faz dó!» —

E o Galo Pimpão, com ar magnânimo, despejou uma data de trigo no chapéu, que o pato pedinte lhe estendia.

Mais adiante, topou com o pardal côxo, outro pobrezinho, que vivia de esmolas e também fazia parte dos conspiradores.

— «Senhor Dom Galo Pimpão,
tenha pena, compaixão!...
não posso ganhar meu pão,
por ter tão grande aleijão!»

Vai o galo, com ar de novo-rico, disse, condoído:

— «Có-có-ró-có,
o pardal faz dó!»

e deu uma quantidade de trigo ao pardalito côxo.

Dai a pouco, esbarrou com o pintassilgo cego.

— «Sêbo!» — exclamou, aborrecido. — Não tenho já coração para tanta pobreza!»

O pintassilgo piava a sua lamúria:

— «Uma esmola, meu senhor!
Pois que não há maior dôr...»

O Galo Pimpão interrompeu-o:

— «Có-có-ró-có-có-có-có!
O pintassilgo faz dó.»

E — zás! — atirou-lhe uma porção de trigo, deixando quasi vazio o saco, que trouxera tão recheado.

Depois, começou a sentir as pernas um tanto fracas...

— «Naturalmente, é da falta do esporão...» — pensou, consigo, apreensivo.

Para disfarçar as suas mágoas e encurtar o caminho, distrafu-se a cantarolar:

— «Có-có-ró-có,
que infelicidade,
pois perdi um esporão...» —

A voz da Comadre Sardanisca fê-lo parar. Hipócrita, dizia-lhe:

— «Olha lá! Segui-te sempre pela estrada fora e fiquei comovida com a tua caridade. Mereces a minha protecção! Lembrej-me duma coisa. Para chegares à cidade mais facilmente, vou arranjar-te um esporão, feito do bico duma piteira. Queres?»

— «Bico de piteira?! Parece-me asneira». — redarguiu o galo, cheio de dúvidas.

— «E' como te digo! Oferece muita comodidade! E' forte e afiado.»

— «Visto isso, vamos lá a essa operação, amiga Sardanisca!» — disse o Galo Pimpão, estendendo o pé, pronto ao sacrifício.

Vai ela, espetou-lhe, com tôda a força, no lugar do antigo esporão, o bico da piteira.

— «Ai! Ai! Ai!» — gemia, dorido, o galo, perdendo tôda a linha e largando o saco no chão.

— Não sejas piégas! Um Galo Pimpão, sem pimponice

— «Não sejas piégas! Um Galo Pimpão, sem pimponice pegava no saco de trigo, já meio vazio.

E logo, fugindo com éle, gritou-lhe, de longe:

— «Cá levo a paga do meu serviço!»

O olho amarelo do galo chispou lume! Quis pôr-se em pé, mas qual!...

Sentia o danado do pico a esfacelar-lhe as carnes e, ainda por cima, a bicharia maldosa, que acorria de tôdos os lados, veio rodeá-lo, e apupá-lo, assim berrando:

— «O' Galo Pimpão,
ficaste tramado!
Que grande lição,
pois foste burlado!
Perdeste a beleza,
mais a fortaleza
e mais a riqueza!
Que sorte dorida —
vais perder a vida!»

Isto disseram, ao verem a caseira, de faca em punho, avançar para o Galo, que, sem poder fugir, ali mesmo foi apanhado.

Aqui está como o Galo Pimpão teve tão triste fim, por ser valdoso e ter-se fiado na bicharia desenfreada.

DESTINOS

Por FELIZ VENTURA

TIC-TAC, Perú velho,
ministro por excelência,
manda reunir o conselho
para dar uma audiência.

A nova correu veloz,
vindo, logo, sem demora,
acudir ao chamamento
tôda a grande alta nobreza
que na capoeira mora,
sem perder um só momento,
tomando, logo, lugar
com uma enorme anciedade,
no salão do parlamento,
onde se iria escutar
a tão grande novidade.

Primeiro, o Grande Pavão,
governador da nação,
numa breve alocução,
fez aos presentes lembrar
que fôssem obedientes
à tão
antiga nação;
e que escutassem, pois ia
o Perú-velho falar.

Este, bastante orgulhoso,
abrindo o leque formoso,
clama com ar impostor:



«El-rei D. Galo Galão,
que é nosso egrégio senhor,
manda a todos anunciar
que a princezinha
Galinha,
filha da nossa rainha,
um noivo tem que escolher.
E manda que, aos quatro ventos,
os arautos vão dizer
que, amanhã, no régio paço,
tudo deve aparecer.»

O Perú, todo arrufado,
deixou o grande auditório,
depois de muito aclamado
e de a todos ter ouvido
muitas palmas e vivório.

Rompe, enfim, a manhãzinha...
Não há galo nem galinha
que não ande atarefado,
pois querem, a tempo e horas,
terem tudo preparado.
E o palácio? Ah, êsse, então,
é que está mesmo um primor,
Pudera! Fôra arranjado,
decorado,
alcatifado,
por artistas de valor.

Êis que chega, sem demora,
a hora
da recepção...
Os galinhos
agrupados,
tolinhos,
empertigados,
começam a desfilar,
um a um, para agradecer
à princezinha
Galinha
que está no trono sentada,
para os ver todos passar.

Depois de muito escolher,
acabou por resolver
casar com certo galinho
que era formado em douto
e tinha, também, já fama
de ser um grande senhor.

Combinou-se o casamento
com o maior luzimento,
El-rei D. Galo Galão
apregoava,
gritava,
cheio de satisfação:
«Có-có-ró, có-có-ró-có,
par tão belo há êste só!
Outro igual não há, não há,
dentro da minha nação.»

(Continua na página 7)

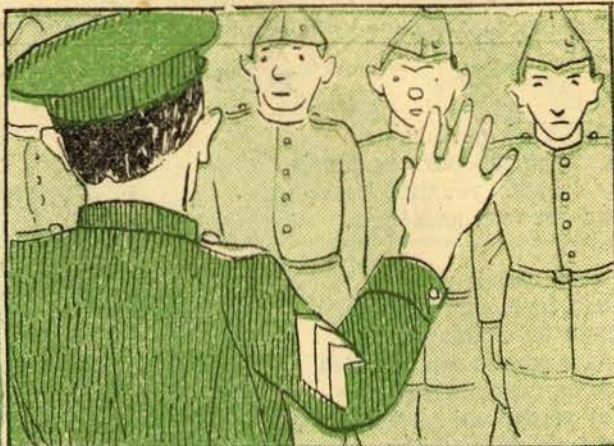


O Instrutor do Pelotão

Por FELIZ VENTURA

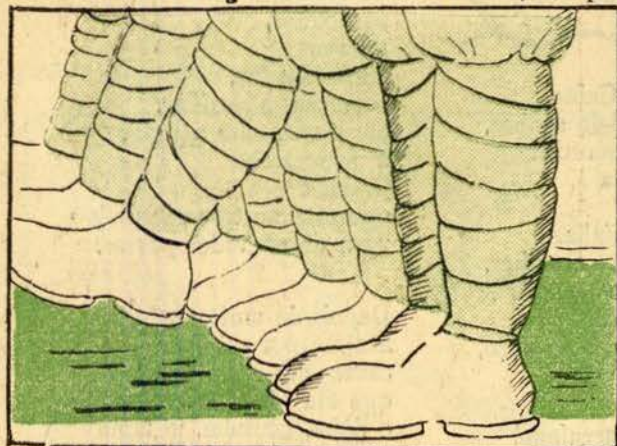


O sargento Malaquias, dos recruta dirigente, com os pacatos magalas é mesmo muito exigente.

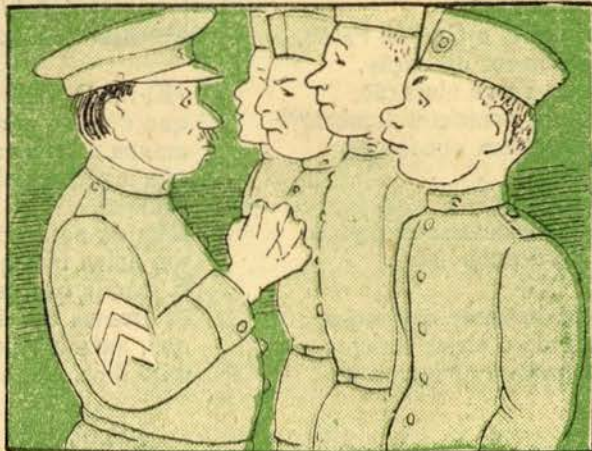


Ora, há dias, na parada, diz-lhes assim, bruscamente, em voz alta sobranceira: «Pelotão, um passo em frente!»

Os soldados, sem demora, executam seu mandado mas um que é bastante bronco conservou-se hirto e parado.



Ao ver isto, o Malaquias brada com raiva íremente: «Você não me ouviu dizer: — «Pelotão, um passo em frente?»



Fica o soldado a tremer ante aquele vozeirão, e responde: — «Xim xinhor, mas eu cá non xou Plutão!»

GLORIA EFEMERA

Por ISOLDINA



A

senhora Francisca mandou fazer, no seu quintal, uma graciosa capoeira, que a Mariazinha, sua afilhada, denominou, pomposamente, «Palácio da Pena», pelas penas que o povoavam e pelas que causava, ali, a faca da cozinheira, quando ceifava alguma cabeça. Os

seus prisioneiros inquilinos foram seis franguitos; quatro deles brancos, e os outros dois pedrêzes. Os quatro formavam um só partido contra os dois pedrêzes, não deixando comer os grãositos e perseguindo-os implacavelmente à bicada.

Quando sucedia esbarrar algum dos pobres pedrêzes, na luta pela paparóca, à hora da ração, com um dos branquitos, era mimoseado com uma saraiçada de improperios: «*Passé de largo, maltrapilho! Sois a deshonra da nossa raça. Arreda, esgrouviado!*...»

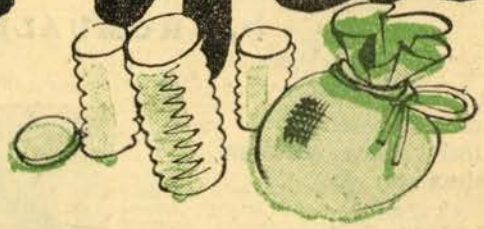
Os dois franguitos, muito tristes, recolhiam-se à sua insignificância, que é como quem diz: ao canto mais escondido da capoeira, lamentando a sua sorte.

Os quatro brancos, reis e senhores de todo o domínio, pavoneavam a sua elegância em ademanos de vaidade. De facto, eram tão lindos e elegantes, que a Mariazinha, um dia, ao contemplá-los, de repente, pôs-se a rir, muito contente, dizendo:

— «Olhe, madrinha. Parecem mesmo os quatro mosqueteiros...» Tinha

Velho rifão

Por LAURA CHAVES



Era uma vez um barbeiro que encontrou muito dinheiro e enterrou-o no quintal por debaixo dum poial, para que a Rita, a mulher, nunca o viesse a saber.



Mas, ao deitar-se, o barbeiro, contou tudo ao travesseiro.

Vai este, em charla pegada, foi pespegá-lo à almofada que, cheia de exclamações, contou tudo aos seus botões, que logo o foram contar ao lençinho de assoar, que pôs os pontos nos ii ao seu amigo nariz e este todo retorcido disse-o ao bicho do ouvido, mas, sem cuidado, e tão alto, que a Rita deu logo um salto, foi uma tranca buscar e aquilo é que foi malhar no desgraçado barbeiro!

Emquanto não viu dinheiro, foi um bombo numa festa! Mas ao tê-lo, muito lesta, partiu logo para a feira, aonde, tôda lampeira, comprou tudo quanto viu, até que a «massa» sumiu.

Por não guardar o segredo, ficou a chuchar no dedo, bem sovado e bem moído, o abelhudo do marido.

E foi por esta razão que diz o velho rifão: — um segredo verdadeiro nem se diz ao travesseiro.

sido presenteada, havia pouco, no dia dos seus anos, com o célebre romance «Os três mosqueteiros», que, a final, são quatro: mas talvez porque soasse melhor e porque três é conta que Deus fez, o certo é que intitularam assim o romance.

— «Que graça! (dizia a pequenita). — Aquele mais bravo de todos é o d'Artagnan; aquele, mais sonso, o Aramis. O mais elegante e delicado é o Athos;

e aquele mais fanfarrão é o Porthos. E deitava-lhes comida, divertindo-se com as lutas que provocava, incitando-os.

Só quando via que os pobrezitos dos pedrêzes nada conseguiam apanhar, é que ficava triste. Mas invectivava-os a que se defendessem.

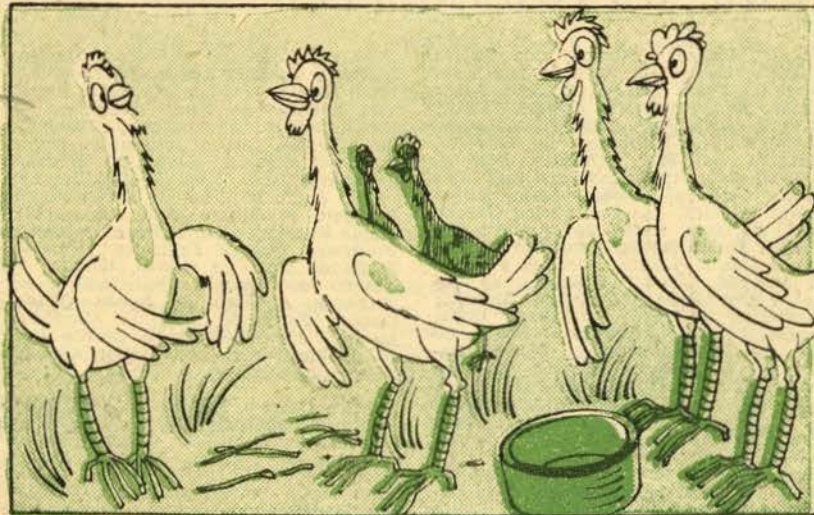
— Porque se encolhem, os medrosos?! Façam frente ao inimigo. Assim,



uns medicas, ficarão uns magrezelas.

Os franganotes, vendo-se admirados, mais se emproavam, vaidosos. Mas... nem tudo o que é bom dura sempre e, um dia, começou de entrar a desgraça no «Palácio da Pena». De uma a uma, foram ceifadas as cabeças dos célebres mosqueteiros, a-pesar dos pro-

(Continua na página 7)



OS DOIS BOTÕES

Por ROMUALDO TELES de MENEZES

Numa bonita roseira,
Dum garboso roseiral,
Dois lindos botões nasceram,
De beleza sem igual.

Um, vaidoso e fanfarrão,
Dos seus irmãos desdenhava,
E no outro, com presunção,
Até se encarrapitava

Mas Deus, que sempre castiga
Os maldosos que há na terra,
O vaidoso castigou,
Fazendo-o viver em guerra

Com tôdas as outras rosas
Que nunca mais o beijaram;
Se até para seu castigo,
Suas pétalas murcharam.

Murcharam mas não caíram,
Porque assim o quis Jesus,
Para ser grande o castigo,
Mais pesada a sua cruz.

Um dia, — já era rosa —
O outro botão fitou...
E, ao vê-lo, murmurou triste:
— «É rosa mas não murchou!»



Entretanto, uma menina,
Tão linda quanto engraçada,
Ambas as rosas mirou
E exclamou muito admirada:

— Nasceram da mesma mãe
Mas que diferentes que são!...
Uma tão linda e corada,
Outra murcha e com senão!

E, então, a rosa tão bela,
Com seus dedinhos cortou,
Mas, com profundo desdém,
A feia rosa deixou.

(Esta menina, afinal,
Maior tornara o castigo
Daquela que, por seu mal,
Nem a quizera consigo)

A' menina tão formosa
A rosa bela enfeitou
Seu colo alvo e gentil,
Que já um vate cantou

E inda hoje mesmo é guardada
Nas fôlhas dum livro seu.
Por se ver tão desprezada,
A rosa tôla morreu!

A vaidade é um defeito,
Um pecado sem perdão!
Meditai, pois, meus meninos,
No castigo do botão!

F

!

M

CONCURSO: — Grandes de Portugal

LISTA DOS CONCORRENTES

Foi recebido na redacção do nosso suplemento um grande número de cadernetas, o que demonstra, evidentemente, o interesse despertado por este intrutivo e patriótico concurso.

Apresentaram trabalhos, muitos dos quais revelando grande merecimento, os seguintes leitores:

Alberto L. Róla, Régua; Armando dos Santos Hipólito, Caldas da Rainha; António de Campos Machado, Coimbra; Amílcar Castanheira de Barros, Fundão; Ana Maria Pereira da Gama, Lisboa; Angelo Neves Ruas, Lisboa; Alda Rodrigues de Sousa, Lisboa; Alberto Fernando de Abreu Malheiro, Lisboa; Abílio Carlos C. Tavares, Lisboa; Albano Pimenta da Costa, Celorico da Beira; Agostinho Dinis de Nazaré Falcão, Lousã; Artur Luiz Almeida Teixeira de Vasconcelos, Setúbal; Ana Leonor Martins, Valongo; Adelino Pimenta Lopes, Ponte de Lima; Aida Moreira Luzia, Almeida; António-Luiz Corrêa de Mesquita, Lousã; Angelina Soares Pedro, Lisboa; António Joaquim Coelho Ventura, Elvas; André Correia

Mendes, Lisboa; Armando dos Santos Hipólito, Caldas da Rainha; Adalberto Gens da Costa Simões, Lisboa; Artur Xavier da Marta Santos Boavinda, Orca; António Maria Ferreira Monteiro, Lagos; António José Fernandes de Oliveira, Figueira da Foz; António Ferreira Simões, Aveiro; Bruno Antunes dos Santos Moreira, Lisboa; Carlos Filipe Cotter Moreira, Cascais; Carlos Gomes, Ponte de Lima; Carlos Jaime Moita dos Santos, Torres Novas; Celestino Alberto Nunes Duque, Lisboa; Clotilde Ferreira de Azevedo, Lisboa; Casimiro de Almeida Azevedo Barreto Sachetti, Monsanto; Capitulina Morgado, Coimbra; Constância Pereira Bernardino, Ponte de Sôr; Deolinda de Oliveira, Lisboa; Daniel Roque Ribeiro, Moura; Delmira Veloso, Amadora; Délia do Carmo Henrique de Sousa, Abrantes; Elia Isabel da Conceição Flores, Odemira; Ema Augusta Madeira de Brito Cabral, Lagos; Edite das Dóres Vieira, Vila Franca de Xira; Emília Santana Ventura, Coimbra; Edite M. Aparício, Vendas Novas; Euália das Neves Sequeira, Lisboa; Emília Gomes Belo, Montijo; Estela Augusta

Pacheco, Almeida; Eduardo Martins Bairrada Junior, Lisboa; Frederico Alberto Saraiva, Lisboa; Fernando Pessoa, Vila Franca de Xira; Francisco de Sousa Reina, Matozinhos; Fernando de Almeida, Lisboa; Fernando Gomes da Costa, Anadia; Fernando Feliciano de Freitas Faria, Ilha da Madeira; Fernando Jorge Baptista de Sousa Fialho, Setúbal; Francisco Maia, Lisboa; Fernanda Rodrigues Horta, Entroncamento; Francisco Gomes Laginhas, Almeida; Fernando Luiz de Castro, Lisboa; Filomeno José Correia Albino, Boliqueime; Fernando António de Sousa Chaves, Lisboa; Fernando Joaquim Macêdo do Amaral, Porto; Fernando Cecílio Nery Neto, Moncarapacho; Isabel Oliveira Pulquério, Montijo.

Ribeiro Caseiro, Lisboa; João Gualdino Pereira, Guimarães; José de Vasconcelos Melo, Lamego; Judite Andrade Gomes de Almeida Aguiar, Vila Pouca de Aguiar; José da Costa Pereira, Lisboa; Julio Cirilo Simões Carneiro, Montijo; José M. Caballero Maciães, Moura; João Olindo Pina, Santarém; Jerónimo André

Arranhado, Mourão; José Luiz Esteves dos Reis, Marco de Canavezes; José da Encarnação Pereira, Armação de Pêra; João Pedro Ribeiro, Lisboa; Joaquim Lopes Santos Ferreira, Santarém; José Lourenço, Lisboa; Judite América da Silva, Lisboa; José Ribeiro Arez, Coimbra; José Silva Nunes da Costa, Setúbal; José de Azevedo Varques da Rocha Peixoto, Ponte da Barca; José Amado, Arazede; José Maria Mendonça, Estarreja; Jaime de Melo e Costa, Estarreja; Joaquim do Prado, Santarém; José Vaz de Oliveira, Ferreira da Foz; Joaquim Simões Melanis Junior, Condeixa; Libânio Pinto, Setúbal; Luiz Augusto Moita de Sousa, Ponte de Lima; Lívia Marques, Leiria; Luiz Barbosa Horta, Entroncamento; Luiz Mascaranhas Afonso de Brito, Estói; Luzia da Glória de Carvalho Pinto, Castelo de Vide; Luiz Joaquim Martins, Lisboa; Maria Manuela de Almeida de Eça Regala, Aveiro; Maria Isabel Garção de M. Soares, Lisboa; Maria Delfina Lucas de Vilhena, Lisboa; Maria Júlia Fisher, Figueira da Foz; Maria Conceição Barão, Tavira; Maria Ana de Sousa Manuz, Évora; Maria Bárbara de Beça Centeno, Porto; Maria Lucilla Mendes de Abreu, Lisboa; Maria Irene Varela Botto, Lisboa; Manuel António de Castro, Lisboa; Manuel da Silva Pereira Taborda, Lisboa; Maria Aida Serra Calado, Moscavide; Maria de Lourdes Vieira Cayolla, Lisboa; Manuel João Borges Madureira Pires, Póvoa de Varzim; Maria José Fortuna, Palmela; António Augusto Barreto da Silva, Coimbra; Maria Alice Castanheira, Lisboa; Maria Antónia Alves, Lisboa; Maria Emília Valério Simões, Montijo; Maria Valente Pereira Muge, Ovar; Maria Augusta Rôlla, Régua; Maria Antonieta de Araújo, Lisboa; Maria Helena Sanz da Silva, Lisboa; Maria de Lourdes Lopes, Lisboa; Maria Isabel dos Santos Lima, Porto; Maria Luíza Pessoa, Vila Franca de Xira; Maria Líbiana Calapéz Correia, Odemira; Manuel da Silva Cachão Cezimbra; Maria da Soledade Antunes Britá, Porto; Mário Ricardo Martins Trindade, Figueira da Foz; Maria da Piedade Serrão Guimarães de Oliveira, Leiria; Maria da Piedade Fonseca Santos, Chamusca; Manuel Neves Araújo, Tratel (B. Baixa); Maria José Pedroso Rosa Rodrigues, Chamusca; Maria Júlia Rôlla, Carcavelos; Maria José Borges Almeida, Coimbra; Maria Graciete da Silva Soeiro, Figueira da Foz; Maria Isabel Ferreira de Mesquita, Carcavelos; Maria Adelina Flores de Oliveira, Figueira da Foz; Maria Margarida dos Santos Matroco, Évora; Maria Emília

ANEDOTAS

POR MANUEL FERREIRA

Uma salaio acerca-se dum artista que está pintando uma tela que representa uma vaca a pastar num campo.

O pintor perguntou-lhe:

— «Então, que tal lhe parece a vaca?»

A salaio, arremelgando os olhos, com pasmo, respondeu:

— «Que bonita! Está «bem feita».

Só lhe falta falar...»

* * *

— «Ó António!»

— «Pronto!»

— «Lá trouxeste tu a mesma palha da outra vez. Já te disse que não presta para nada!»

— «Pois olhe, o cavalo comeu-a.»

— «Que tenho eu com isso?»

— «Tem muito. O patrão ainda percebe mais de palha do que o cavalo?»

* * *

Um salaio vê um artista a pintar uma paisagem, no campo. Aproxima-se dele e diz:

— «Ah, senhor pintor! Muita «bordoad» deve «boimecê» ter levado para trabalhar assim! Olhe que eu, só para aprender a limpar uma vinha, apanhei «castanha» para «riba» de um ano...

da Costa Severino, Castelo Branco; Manuel Ascenso Pessoa da Costa, Lisboa; Mário do Nascimento, Lisboa; Mário Pinto Godinho, Guarda; Manuel dos Santos Alveirinho, Lisboa; Maria Luíza Calheiros Veloso Sampaio, Covilhã; Maria José Marques da Silva, Lisboa; Manuel Carlos Rebelo Espanha, Palme-

la; Maria Fernanda Travassos Valdez, Sintra; Maria Clementina Nobre Nery, Moncarapacho; Maria Lídia Assunção Lobo, Lisboa; Mário Emílio Teixeira Correia Lopes, Gaia; Maria Helena Monteiro Fortuna, Loures; Maria José Gonçalves, Amarante; Niklas Scapinakis, Lisboa; Odete Amélia Duarte Triunfante, Monchique; Octávio Domingues Ferreira, Pinhel; Pedro de Lemos Loureiro, Sousel; Pedro Baptista da Cruz, Fratel; Paulo de Andrade D. de Almeida, Fornos de Algodres; Rui Sertório Cordeiro Veloso, Lisboa; Raquelinda Messias Godinha, Entroncamento; Raúl da Silva Pereira, Lisboa; Sebastião Brandão, Fátima; Telmo C. Macedo Pereira, Lisboa; Virgínia Assunção Nunes Martins, Lisboa; Victor Manuel de Oliveira Fontes, Amadora; Victor da Luz Leitão, Lisboa; Zelinda da Rosa Graça Ruas, Cuba; Carlos de Sousa, Lisboa; Abel Carlos Vieira da Ponte Lourel, Sintra; Maria Virgínia Carrilho Ferreira, Lisboa; Alvaro Ferreira, Lisboa;

* * *

Num dos próximos números, publicaremos a lista dos premiados. Desde já podemos informar que de todas as cadernetas enviadas, 23 adivinharam a totalidade das figuras.

Amílcar Ponte de Abreu, Arraiolos; José Carlos C. Telo de Moraes, Vizeu; Eduardo dos Santos António, Alcoutim; Fernando Duarte Serpa Lima Dias, Beja; Fernando Gonçalves Rodrigues, Alter do Chão;

* * *

Foi também recebida na redacção do Pim-Pam-Pum uma caderneta com os dizeres «Concurso dos Grandes de Portugal», traz 3 figuras em cada página, excepto na 1.ª e última em que vêm somente 2, tendo colada ao meio uma tira de papel.

Os nomes vêm escritos a tinta azul completando as quadras. O caderno, que é de papel vegetal, não tem indicação do nome e morada do concorrente motivo porque não pôde ser classificado.

■ F I M ■

D E S T I N O S

(Continuado da página 3)

Mas, um dia, o cozinheiro vendo, assim, tão belo par, resolve, sem mais demora, fazer dele um bom jantar. E saca,

então, duma faca, degola o galo doutor, mais a que era seu amor.

Nunca devemos deitar,

antes do tempo, foguetes, pois nós não somos da sorte mais do que simples joguetes.

F I M

GLORIA EFÉMERA

(Continuado da página 5)

testos da Mariazinha. Quando os dois miseros pedrêzes se viram sós em palácio, aquilo é que foi alegria! Agararam-se um ao outro, a cantar e a dançar «Qui, qui, ri, qui! Os reis e senhores somos nós aqui!»

Pobres tólos! Já se julgavam senhores, sem vassallos!...

Durante alguns dias e até semanas, puderam encher o papinho à vontade e engordaram bastante. Chegaram

mesmo a fazer-se bonitos; julgavam-se já nas suas sete quintas, quando começou a chegar outra leva de prisioneiros, isto é: os seus vassallos. Eles, então, fizeram sofrer aos companheiros o que eles próprios haviam sofrido, satisfeitos por poderem desforrar-se nestes dos suplicios passados. Os pobresinhos, saídos há pouco das asas da mãe, pipilavam, doloridamente:

— «Oh! mãe! Onde estás, que nos

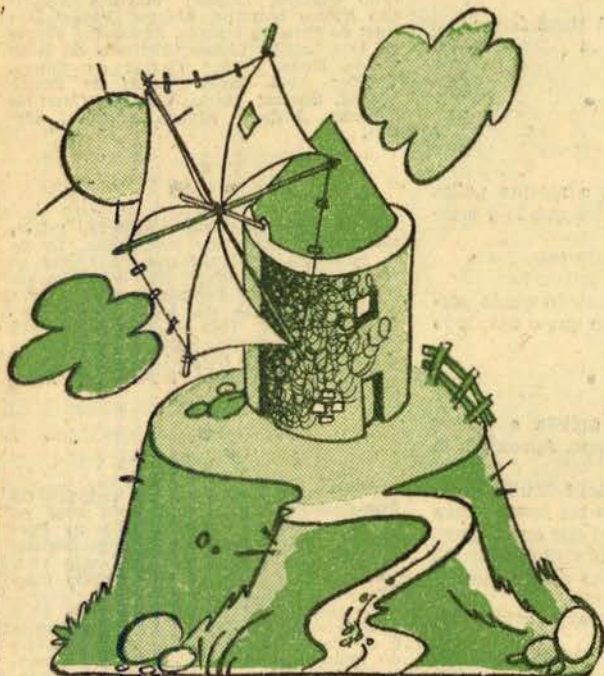
não acodes?!». Mas os dois maraus não tinham dó e, como não há bem que sempre dure, lá lhes chegou, também, a sua vez. Já com o pescoço debaixo da faca assassina, é que tiveram a noção do que vale a felicidade e a glória à custa da vida e da felicidade dos outros.

■ F I M ■



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS POR JOSINO AMADO



Ao preguiçoso netinho,
Branquinha «vovó» dizia:
— Trabalha, porque «o m...»
Parado perde m...»

Para ter o que precisa,
Em preguiçar ninguém caia,
Porque lá diz a d...
«Quem trabalha, tem al...»



De vime, bela,
Uma cestinha
Tem minha mãe,
E sempre n...
Dedal e l...
Aglhas t...

Assim fazei, cada objecto,
Seja lá êle qual fôr,
Tem um ninho predil...
Onde sempre o deveis p...

HORA DE RECREIO

NOÇÕES DE CHARADISMO

(Continuação)

MEFISTOFÉLICAS

Embora o nome nada tenha de comum com a concepção da charada, esta modalidade é assim conhecida devido a ser «Mefistófeles», charadista brasileiro, indicado como seu criador. É denominada, também, a-pesar-de ignorado por grande parte dos cultores da «Arte d'Édipo», de *encadeadas*.

Têm estas grande afinidade com as novíssimas, sendo também constituídas

por parciais, que nos levarão à interpretação do conceito.

Sabemos que, nas primeiras, a função destas, devidamente interpretadas, nos dão a solução, que é a interpretação do conceito.

Verifiquemos ainda:

Indo+lente=indolente;
es+mo+la=esmola;
trova+dor=trovador,

As mefistofélicas distinguem-se das novíssimas pelo seguinte:

- 1.º — Não admitem mais que duas parciais;
- 2.º — Ambas terão o mesmo número de sílabas;
- 3.º — A sílaba final da primeira parcial é a inicial da segunda.

Exemplos:

Lida+dador=lidador;
pare+rede=parede
entrecho+chocado=entrechocado.

Claro que, quando falamos, neste caso, em parciais, não nos referimos aos termos que têm tal nome na charada que nos apresentam, mas sim à sua interpretação.

(Continua).

AMÉRICO TABORDA